

A Cada Dia, Êxtase

1º de junho de 2018

Queridos leitores,

Vocês devem ter percebido: o céu tem um jeito próprio de ficar rosado ao nos aproximarmos de junho, como se pigmentos coral tivessem sido mergulhados num lago que, de outra forma, seria azul translúcido. Vocês veem, tanto ao alvorecer quanto ao anoitecer, como a cor gira e se espalha em volta, envolvendo-nos por todos os lados, mas, ao invés de ficar mais difusa, de alguma forma fica mais saturada, mais vívida e presente. Eu me pergunto, às vezes, se mesmo a vasta tela sobre nossas cabeças é grande o suficiente para conter uma cor tão florescente, para acolher tamanho paroxismo de alegria. Então, descubro que nem mesmo o céu pode se conter nesta época do ano. Afinal, é mês de celebração; é o mês de *janmadin*, do aniversário da nossa amada Gurumayi.

Feliz, feliz *Aniversário em Êxtase!*

Ao iniciarmos nossas celebrações e nos prepararmos para o grandioso dia, o *janmadin*, 24 de junho, me descubro remoendo certas questões. Por exemplo: o que é que faz a água úmida? O que dá à seda sua suavidade; à rosa, sua fragrância; ao vermelho, sua vivacidade característica? O que é aquela quietude que existe no centro da mais animada felicidade e o silêncio e espaço no âmago de qualquer emoção profunda — até mesmo aquelas dolorosas — se formos fundo o bastante?

Descobri que pode ser muito útil se fazer esse tipo de pergunta. Ela me ajuda a descobrir o modo como vou compreender, como vou articular mais precisamente o que a presença de Gurumayi, seus ensinamentos e sua graça significaram para este mundo, e o que significaram para mim, na

minha própria vida. A verdade é que eu poderia dizer muita coisa. Existem infinitos poemas a inventar, e eu poderia deixar fluir da minha caneta quilômetros intermináveis de prosa, plena de êxtase. Por enquanto, porém, direi só isto: por causa de Gurumayi — porque eu, como muitos de vocês, tive o incrível destino de chamá-la de meu Guru —, me tornei mais capaz de perceber a essência de algo real.

Gurumayi nos deu o termo *satyārāsa* na sua palestra da Mensagem deste ano. *Satyārāsa* não se refere simplesmente à Verdade, mas à *ambrosia*, o sabor e característica dessa Verdade. E é um modo perfeito, não é?, de descrever o que Gurumayi nos ensina a reconhecer e gerar em nossa vida. *Satyārāsa* evoca algo puro, imaculado, mas de rica textura; algo cristalino, mas também de uma exuberância fenomenal, não diferente do céu em junho. A própria palavra deixa claro que *satyārāsa* não é meramente para ser vista, estudada e compreendida à distância. Não. É para ser apreciada e desfrutada com toda a capacidade dos nossos sentidos e para transbordar para outras pessoas.

Alguns meses atrás, eu estava entrando no Lower Lobby do prédio Anugraha, no Shree Muktananda Ashram. Era final da tarde, o céu estava brilhante e claro, e a luz entrava pelas janelas. Quando entrei, vi Gurumayi no lado do saguão onde várias plantas e flores estavam dispostas lado a lado. Havia uma sevita com Gurumayi mudando algumas das plantas de lugar.

Gurumayi sorriu para mim quando me aproximei e disse: “Estamos criando um pequeno paraíso”.

Uma estante delicada, aparentemente de arame de ferro forjado, fora colocada perto das plantas, junto com algumas mesinhas. A sevita dispunha diferentes plantas em cima e ao redor daquelas superfícies, presumidamente para criar um cenário agradável aos olhos. Comecei a ajudar, e logo outros sevitās chegaram. Juntos, mudamos as plantas de um

lado para outro, pegando folhas caídas, olhando de lado de vez em quando para verificar o arranjo e reajustar conforme necessário. Gurumayi ficou ao nosso lado, orientando nossos esforços, indicando onde deveríamos colocar essa ou aquela planta. Mais uma vez, ela disse: “Estamos criando um pequeno paraíso”.

Quando terminamos, tomamos uma distância para olhar nossa criação. Onde antes as plantas estavam espalhadas por todas as janelas, agora estavam agrupadas de forma atraente, num espaço único; nós criamos um pequeno recanto de jardim, um oásis verde folhudo, ali mesmo, naquela parte do saguão. O movimento e personalidade das plantas, subitamente, de alguma forma, ficaram mais evidentes. Percebi como as folhas de uma das plantas eram audaciosamente rubras, e também a inclinação suave dos galhos da gardênia. A fragrância combinada de todas aquelas plantas também era algo especial — inebriante, realmente, e perceptível de uma forma que não ocorria momentos antes. Flutuava sobre nós em ondas.

Aquela experiência, bem ilustrativa, permaneceu comigo. Todas as plantas já estavam no saguão; a estante e a mesa também vinham dali de perto. No entanto, com a orientação de Gurumayi e um pouco de esforço — levantar um pouco, deslocar um pouco, avaliar e ajustar um pouco — nós obtivemos, a partir desses materiais, um espaço de impressionante beleza e fragrância, um espaço como se aquele revestimento dourado invisível do nosso mundo pudesse escapar para o exterior e levar um pouco mais de alegria para os passantes. Mais tarde, percebi: não é isso que Gurumayi está sempre ensinando? Que, para cada um de nós, não importam as circunstâncias, um pequeno paraíso — uma pequena *satyarasa* — está sempre ao alcance.

Ao refletimos sobre tudo que temos para celebrar neste mês, é aconselhável nos perguntarmos: *como* melhor celebrar nosso Guru? Qual é a melhor

forma de honrar Gurumayi por ocasião do seu aniversário, de reconhecer o significado do seu nascimento neste planeta e simplesmente de começar a expressar nossa gratidão por todas as maneiras como sua graça atravessa nossa vida, todas as maneiras como seus ensinamentos nos apoiam para sermos pessoas melhores, mais gentis, mais fortes, mais amorosas? Não tenho certeza se tenho uma resposta precisa para essa pergunta, pelo menos não uma que possa ser bem arrumada e generalizada para todos os leitores. A resposta seria apenas: que cada um descubra por si mesmo.

Mesmo assim, tenho uma ideia. Que tal honrarmos Gurumayi fazendo bom uso do que ela nos deu, praticando os ensinamentos que ela transmitiu por nenhuma outra razão que não fosse o nosso próprio benefício e o benefício do mundo em que vivemos? Afinal, é nossa responsabilidade, como estudantes e discípulos — e também nossa grande sorte —, cultivar e sustentar tudo que ela tornou possível para nós.

Portanto, neste mês, eu os estimulo a continuar a trabalhar com a Mensagem de Gurumayi para 2018. Pratiquem *Satsang* e, com fé renovada, zelo e discernimento, empenhem-se para beber do grandioso reservatório de *satyarasa* que existe dentro de vocês. Um conceito da palestra da Mensagem de Gurumayi que pode ser especialmente intrigante de se explorar neste momento é o que significa ter *satsang* focando na sua *própria* boa companhia.

Até aqui, muitos de vocês praticaram este ensinamento quando estavam, de fato, sozinhos — era só você e, talvez, a vastidão azul-rosada acima, e você aprendeu um pouco mais sobre como é estar com você. Isso é fantástico; para falar a verdade, é tudo de que você precisa para ter *satsang*. Mas como este conceito se relaciona com *satsang*, conforme é praticado tradicionalmente através dos séculos, e como muitos de vocês com certeza praticarão este mês ao se reunirem nos Ashram e centros de meditação Siddha Yoga para celebrar o aniversário de Gurumayi? Como isso se

relaciona com *satsang* enquanto reunião de buscadores que se juntam em devoção?

Uma das muitas coisas inacreditáveis relacionadas à Mensagem de Gurumayi para este ano é que, além de nos dar uma abordagem nova e mais acessível para *satsang*, ela nos incentiva a examinar mais de perto como praticamos a configuração *clássica* de *satsang*. *Satsang*, em qualquer formato, seja praticando-o sozinho ou com outras pessoas, tem a ver com procurar e estar na companhia da Verdade. A questão é: onde é que essa Verdade reside? Sem dúvida, quando está com seus companheiros buscadores, você curte estar com eles, aprender com sua sabedoria e realizar as práticas espirituais juntos. No entanto, o que define uma atividade assim como *satsang*, e não como outro tipo de reunião, é que seu propósito é ajudá-lo a entrar em maior comunhão com seu próprio Ser. É como meditar diante do sol, Surya Devata. O exterior apoia o interior; com o tempo, o interior se funde no exterior. É preciso um esforço suave, um tipo especial de consciência de si mesmo.

Então, a prática do *satsang* com uma intencionalidade ainda maior, seja consigo mesmo ou com outros, será uma parte essencial de como celebrar o aniversário de Gurumayi em 2018. Diariamente, este mês, o site do caminho de Siddha Yoga vai apoiá-lo nessa prática. Cada dia vai trazer novas maneiras de ficar em contato com seu próprio coração.

Como hoje: o que mais você leu no site? Ou talvez fosse mais preciso perguntar se você *experimentou* o que está aqui; se você ouviu os ritmos e respirou na cadência; se você considerou os ensinamentos entrelaçados nas palavras, entendendo que, ao fazer isso, você muda sua própria maneira de ser e fazer. Estou me referindo, é claro, ao poema que Gurumayi escreveu para nós, *À Espera Daquele Momento Perfeito*.

E muitas outras coisas ainda virão nos próximos dias e semanas. O site vai apresentar novas histórias sobre Gurumayi, Reflexões sobre Gurumayi e

comentários sobre *sadguna*, as virtudes que ela escolheu para todos os dias de junho. Também vai haver uma explicação sobre *naivedya*, a oferenda sagrada de comida que fazemos a Gurumayi em seu aniversário.

Chegamos aqui a uma doce ironia, um paradoxo formal. Aqui estamos, procurando honrar *hamari Gurumayi*, como diríamos em hindi, nossa Gurumayi. Aqui estamos, ansiosos por celebrá-la, cantar em seu louvor e desejar-lhe um milhão de coisas boas em seu aniversário. Mesmo com tudo o que nós queremos oferecer, com tudo o que nós queremos fazer e dar, somos nós que recebemos tanto. Frequentemente eu penso que a intenção de Gurumayi de dar o título “Aniversário em Êxtase” a este mês é que, falando e ouvindo o tempo todo a palavra “êxtase”, nós evoquemos para nós mesmos a experiência do êxtase. E fica mais claro para mim: o *Aniversário em Êxtase* é, no seu âmago, uma expressão da compaixão de Gurumayi. Nasceu da sua generosidade.

Há um lindo *bhajan* do santo-poeta Kabir, que Gurumayi cantou muitas vezes ao longo dos anos. O refrão me vem à mente:

Ó querido, como eu amo meu Sadguru,
que, sem cessar, enche o cálice da Verdade até a borda.
Este cálice, o mesmo que meu Sadguru bebe,
meu Guru me deu.¹

Muito cordialmente,
Eesha Sardesai

¹ *Sadho so Sadguru*, versão em inglês do refrão © 2018 SYDA Foundation.

